

NORMALIZADA SITUAÇÃO MILITAR

POPULAÇÃO DE XINAVANE VOLTOU A APOSTAR NA PROSPERIDADE

★ Decorridos nove meses depois dos ataques dos bandidos armados, todas as empresas reiniciaram as suas actividades e pessoas que fugiram são chamadas de regresso a casa

Por Orlando Muchanga

DEPOIS de atacada durante três vezes, num período de tempo inferior a dois meses, a localidade de Xinavane empreende presentemente várias acções, nas quais se inclui a formação de Forças de Segurança e Defesa local e ainda o reforço das medidas de segurança na zona e a introdução de outras novas medidas de protecção à vila e seus arredores. Não podemos afirmar que a guerra acabou, mas ultimamente a situação militar apresenta-se aparentemente normalizada. A população já dorme em suas casas e a aposta de momento é redobrar os esforços tendentes à recuperar o tempo perdido, reconstituindo, dos escombros, a prosperidade agro-productiva e económica que a localidade de Xinavane sempre representou a nível da província de Maputo ou do distrito de Manhica, onde se encontra localizada. Todos os centros produtivos já reiniciaram as suas actividades, apenas apelamos a todos os que viveram ou trabalharam cá para que regressem a casa, a fim de, em conjunto, reconstruirmos aquilo que os bandidos armados destruíram.

Estas palavras são a última mensagem que Inácio Joaquim Ngoetsa, Administrador do Posto Administrativo de Xinavane, deixou ao semanário «Domingo» para, particularmente aqueles que abandonaram aquela região, devido às sucessivas incursões dos BA's, as quais culminaram com a destruição de 13 estabelecimentos comerciais e 28 residenciais, e a dinamitação de sector de moinhos da fábrica de açúcar da Incomati, o saque de mais de 400 cabeças de gado bovino, para além de outros danos humanos e prejuízos materiais ainda não calculados, registados nos meses de Dezembro passado e Janeiro deste ano.

Num contacto estabelecido pela nossa Reportagem na vila de Xinavane, situada a cerca de 100 quilómetros da capital do País, o Administrador local, depois de salientar que por se encontrar afecto há apenas um mês, ainda está na fase de pesquisa, informou que dividido em duas grandes localidades, nomeadamente «25 de Setembro» e «Eduardo Mondlane», compostas por cinco povoados e 14 povoações, incluindo aldeias comunais, aquele posto possui uma população calculada em mais de 20 mil habitantes, destruídos numa área territorial de cerca de 400 quilómetros quadrados.

— Pela natureza das suas características geográficas e sua constituição, em termos de infra-estruturas funcionais e de serviços, comparadas com as condições de um distrito, Xinavane foi sempre considerada uma localidade de extrema importância para o desenvolvimento regional. Para além da fábrica açucareira e do complexo

agro-pecuário, comercial e industrial «Alfredo Luís», de Chibandza, possui cinco empresas e outros centros produtivos, incluindo unidades de agricultores privados e associações de camponeses, cinco pequenos projectos de olaria para a produção de material de construção e utensílios domésticos. Tem, por outro lado, um aeródromo em bom estado de conservação, uma terminal da estação da empresa C.F.M. Sul, uma rede comercial antigamente bastante eficiente e um hospital rural com capacidade de atendimento de âmbito provincial, beneficiando as populações dos distritos da Manhica, Magude, Macia, Chókwi, Xai Xai e até a cidade de Maputo — sublinhou a nossa fonte.

Adiantou, no entanto, que todas estas infra-estruturas, como em muitas zonas do nosso País, se foram degradando, na medida em que o tempo foi passando sem que fossem reabilitadas devido a diversos factores relacionados com carência de meios financeiros para investimentos e manutenção das unidades produtivas, por um lado, por outro, originado pela falta de quadros para uma direcção capacitada. Este estado de coisas, segundo Inácio Ngoetsa, foram agravadas pela intensificação das investidas do banditismo armado que, a partir de 1984, atingiram duramente o distrito da Manhica. No caso concreto de Xinavane, ressaltaram na destruição de numerosos equipamentos das empresas locais e, principalmente, no estragamento da rede comercial.

— Em Dezembro e Janeiro o inimigo aumentou as suas atrocidades contra civis e económicos da nossa vila. Deste modo,

seis povoações foram abandonadas e algumas zonas semi-abandonadas o que afectou negativamente a produção familiar e a criação de gado. Para além dos já referidos estragos, foi danificado, por exemplo, o gerador principal de energia eléctrica. Houve roubos de roupas e alimentação nos armazéns — disse o nosso interlocutor, tendo acrescentado que actualmente a moageira de Chibandza não funciona convenientemente devido à falta de milho. Apesar de vários contactos estabelecidos com o distrito sede, o sistema de abastecimento de géneros de primeira necessidade, continua deficiente — explicou.

Disse ainda que há mais de um ano que o comboio não circula, devido a estragos na linha férrea, provocados pelas chuvas ou pela acção anímica, e o mais preocupante é que nesta altura não estamos a receber nenhum apoio oficial do Governo para amparar as vítimas dos bandidos armados, por causa da falta de justificação dos destinos dados às «calamidades» recebidas nos anos anteriores — frisou aquele responsável.

Entretanto, para o Administrador de Xinavane, apesar destas dificuldades, agravadas pelos sistemáticos contrabandos e abates clandestinos de gado bovino e roubos de grandes quantidades de cana-de-açúcar, para a fabricação de bebidas tradicionais e ainda das crónicas ameaças dos bandos armados, com a força do Partido, em coordenação com a direcção geral da empresa açucareira e com a população em geral, foram tomadas medidas de segurança e de apoio aos deslocados de guerra da abandonada aldeia «3 de Fevereiro».

reiro» de Lhalalene. Como intensificamos as medidas de segurança em nosso redor, estamos a voltar a produzir — disse.

— Neste momento — adiantou — cinco empresas, cinco projectos de áreas de produção de telhas, tijolos, bilhas, entre outros, e duas padarias que haviam sido também alvejados pelo inimigo, encontram-se em funcionamento. Informou ainda que aquela localidade possui sete agricultores privados e 433 camponeses, organizados em associações de produção, tudo em pleno funcionamento. A meta de produção campesina estabelecida para este ano é de cerca de 700 mil toneladas, entre milho, feijão, mandioca e verduras, sendo 60 por cento de milho, contra 530 mil toneladas de produtos diversos do ano passado. Temos todo o tipo de infra-estruturas convencionais, por isso a nossa ideia é ter estatuto de distrito — sublinhou o nosso interlocutor.

SECTOR COMERCIAL DURAMENTE AFECTADO

Com a aparente normalização da situação militar da vila de Xinavane, a única coisa que nos recorda que vivemos num país em guerra é o estado desolador a que ainda se encontram votados os 13 estabelecimentos comerciais, algumas residências destruídas, volvidos cerca de nove meses depois do último ataque dos bandos armados contra aquela vila. Com efeito, segundo pudemos observar no terreno, a rede comercial é que foi mais duramente afectada. Das 28 lojas então existentes, apenas restaram 15 e, das destruídas, somente uma, por ser propriedade privada, é que está a ser recuperada.

Em relação às outras lojas, os comerciantes quando recebem as quotas de abastecimento alimentar, preferem «despachá-las nos entulhos das pedras e chapas de zinco ou telhas que constituem hoje as suas lojas queimadas ou debaixo duma tenda improvisada para o efeito. No último caso, é frequente ver comerciantes a vender a mercadoria debaixo de mangueiras. Sobre esta questão «Domingo» procurou entabular conversa com vários comerciantes, cuja tónica das suas afirmações e senso comum é de que é Estado ou a APIE que nos venda as ruínas, pois só assim é que nós podemos recuperá-las. Caso contrário, não existe força — disseram.

António Manuel, um comerciante português radicado na vila de Xinavane desde 1924, declarou que a sua loja foi assaltada mais de duas vezes. Foram destruídas as montanhas, as janelas e as portas, para além de outros materiais. Como sou paralisado há cerca de quatro anos, durante as invasões

dos bandidos armados, a minha família empurrava o carrinho para o meio do canal. Agora, há dois meses que já durmo em casa. Restaram-me poucas economias, mas apenas posso fazer a recuperação do estabelecimento se o Estado mo vender — sublinhou.

Em relação ao abastecimento alimentar, disse que a população de Xinavane está a morrer de fome. Estamos no meio da «Incomát», com milhares de trabalhadores, mas mensalmente são-nos apenas atribuídos cinco sacos de 50 quilogramas de arroz, uma caixa de sabão e, algumas vezes uns gramas de milho e uma caixa de óleo, para cada estabelecimento e mais nada. Aqui nem roupa das «calamidades» chega. D'neiro existe demais, mas não há produtos. Até já nos esquecemos que nos anos 50, 60 e princípios de 70, éramos grandes comercializadores de milho — disse.

Outro comerciante com quem dialogámos chama-se Pedro Constantino Mandlate, popularmente conhecido por «Ch thaman». Também se encontra radicado em Xinavane há bastante tempo, primeiro como alfate, e possui presentemente duas mercearias, três lojas e dois restaurantes, sendo uma de primeira classificação (boite) e outra de 3.ª classe. Informou que três dos estabelecimentos foram totalmente destruídos e queimado o mobiliário dos outros. Depois de voltar a afirmar que também só pode restaurar as lojas, caso a APIE venda as ruínas, frisou que em apoio à realização do Quinto

Congresso do Partido Frelimo, esfojando pessoalmente o cabedal, reunindo algumas economias, recuperem em primeiro lugar o restaurante de primeira classe e um dos estabelecimentos comerciais, por serem propriedades individuais. Para a recuperação das restantes casas são necessários cerca de 17 milhões de metcais, o que não é fácil conseguir, sobretudo numa altura em que não existe material de construção. Continuamos a pagar a renda, os responsáveis de Maputo não aparecem, ninguém diz nada e o receio de novas incursões dos bandidos armados ainda não desapareceu — frisou o nosso interlocutor, dizendo depois que, no total, devido às acções bandidescas, sem incluir o camião que foi queimado na Estrada Nacional n.º 1, perdeu cerca de 90 milhões em dinheiro.

Instado a pronunciar-se sobre o abastecimento de géneros alimentares às populações, respondeu que, com as 28 lojas então existentes, abastecia-se regularmente, agora, com metade delas, são-nos fornecidas misérias. Já percorri todos os armazéns, pois desde Janeiro, quando das últimas invasões dos bandidos armados, que não recebemos abastecimento — sub-

linhou a fonte. Aliás, para aquele comerciante, vontade de trabalhar não falta, o que é necessário é a paz, um pouco de agressividade comercial e também algum apoio financeiro ou facilidades bancárias. Fiz já várias diligências para comprar um novo camião, mas em Maputo para se ter carro é preciso ser de outra «cor», não se pode fazer comércio sem meio de transporte. Como gastamos muito dinheiro para o manuseamento das mercadorias, somos obrigados a sobreviver de candonga e o mais prejudicado é o público consumidor — reconheceu a dado passo.

DE SEIS MIL CABEÇAS DE GADO CHIBANDZA FICOU COM 600 BOVINOS

Uma outra grande unidade laboral existente na vila de Xinavane é o complexo agro-pecuário, industrial e comercial de Chibandza, fundada em 1911, por um emigrante português, muito conhecido a nível do distrito da Manhica por «Alfredo Luis». Aquela unidade chegou a possuir 22 hectares de terreno, cercado por arame-farpado, onde se procedia à criação de gado bovino. Uma fonte ligada àquela empresa, em declarações à nossa reportagem, informou que numa sucessão de gerações: em 1950, o centro, para além da criação de bovinos, passou a dedicar-se à indústria, agricultura e comércio, actividades que, embora deficientemente, continua a desenvolver. Chegámos a ter mais de seis mil cabeças de gado bovino, entre vacas «Friesland» (leiteiras) e gado de corte — sublinhou.

Entretanto, salientou que daí para cá o número da população bovina foi diminuindo gradualmente, perdendo-se por ano cerca de 300 cabeças, devido a roubos que se fizeram sentir logo depois dos primeiros anos da independência. Disse que até 1980, antes da intensificação da acção criminosa dos bandos armados, aquela empresa apenas possuía 2 800 bovinos. Na primeira invasão dos bandidos armados às instalações da nossa unidade perdemos 82 vacas leiteiras. Actualmente a nossa área de actividade reduziu para 6 600 hectares e, mesmo assim, há muito gado que por vezes aparece baionetado e neste momento somente ficamos com 619 cabeças — explicou ainda a fonte.

Falando concretamente do sarco de gado, o nosso entrevistado disse que não são só os bandos armados que procedem assim. Há muita gente enigmática metida no contrabando e abates clandestinos. As estruturas veterinárias já sabem e a administração também tem conhecimento — sublinhou.

Perguntámos à nossa fonte o que achava que deveria ser feito para que a empresa de Chibandza

voltasse a produzir como antes, ao que respondeu que, com a aparente normalização da situação militar, voltámos a fazer a selecção de gado de «raça». Temos já 400 novilhas para engrossarem o número de engorda. Neste momento existem

55 cabeças de vaca para abastecer a cidade de Maputo. Fornecemos também a população local e as unidades militares. Mas para voltar a possuir seis mil cabeças são necessários mais de 40 anos de intensos trabalhos. Contudo, existe um projecto para a construção de um acampamento para produzirmos cerca de dois mil bovinos em seis ou sete anos — disse.

Acrescentou, por outro lado, que aquela unidade também se dedica à produção de manteiga que, de momento, se encontra paralisada devido à obsolescência do material. Estamos a fazer a sua reabilitação, daqui a um mês vamos produzir manteiga, cuja quantidade vai depender da quantidade de leite. Neste momento, com 45 vacas leiteiras, extraímos 3 600 a quatro mil litros de leite.

Mudando de assunto, o nosso interlocutor afirmou que não vamos desistir de criar bois, nossa tradição mas já começámos a prestar maior atenção a outros ramos de actividade, como a agricultura, onde sofremos menos prejuízos em termos do saque dos bandidos armados e outros tipos de roubos.

INFORMAÇÃO NÃO CHEGA POPULAÇÃO CLAMA DIVERTIMENTOS

Embora situada a cerca de 100

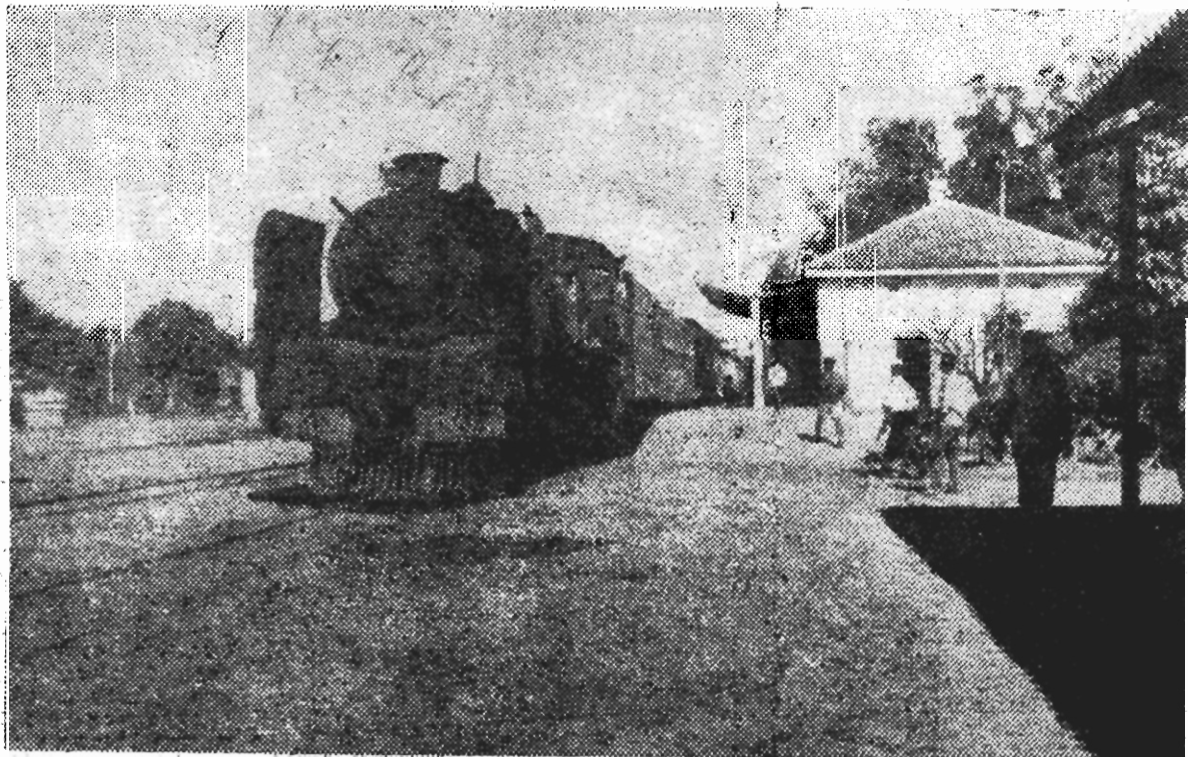
quilómetros da cidade de Maputo, a vila de Xinavane, desde Janeiro que não recebe jornais e nem revistas chegam e os populares rádios «Xirico», mesmo, com pilhas novas, sintonizam com bastantes deficiências as emissoras Nacional e Interprovincial de Maputo e Gaza. Por vezes consegue-se sintonizar a delegação da RM instalada na cidade da Beira, em Sofala, ou estações emissoras internacionais, incluindo as da vizinha «Gazankulo», na África do Sul. Sobre este aspecto, não conseguimos nenhuma explicação plausível. Em relação aos jornais, fomos informados que desde que o anterior agente distribuidor sofreu acções dos bandidos armados, nunca ninguém se recordou de contar isso ao «Notícias».

Um outro aspecto negativo naquela vila, relaciona-se com a carencia de actividades desportivas, recreativas e de entretenimento. O Clube Desportivo de Incomati, que já militou na divisão principal do futebol moçambicano, movimentando, por outro lado, diversas modalidades a nível local, deixou de funcionar devido às acções do bandidismo armado. Existia também um clube de projecção de filmes, que ultimamente virou a sua actividade para os serviços de restaurante e bar, servindo cerveja nacional e enlatada a preços especulativos. O hotel local foi totalmente destruído e a maior parte da população entrega-se ao consumo de bebidas caseiras com elevado teor alcoólico.

No último caso, existe o restaurante-boite «Chithamani» que, por

sua vez, pratica preços acima dos tabelados, sobretudo se se tomar em conta o tipo de serviços que é prestado, para não falar da falta de civismo e também de manifesta falta de educação por parte de alguns empregados e frequentadores. Por vezes há trópeos em pleno restaurante. Para o serviço de reservas de mesa, por exemplo, para dois casas, o preço está à razão de quatro mil meticals sem nenhum aperitivo. Os utentes reclamam o preço praticado para o tipo de estabelecimento.

Neste contexto, o proprietário, Pedro Mandlate voltou a invocar a sua «benevolência» por ser o único em funcionamento, de endereço que nesta altura a minha maior preocupação não é o lucro. A Sogere não abastece convenientemente: por semana recebo 50 grades e 30 barris, uma quantidade irrisória. Recorro a cerveja importada e pago muito caro o transporte, por isso para continuar aberto só com estes preços. Se a situação militar se mantiver ou melhorar, espero voltar a convidar agrupamentos musicais da cidade capital porque, no fundo, o que as pessoas querem são mais divertimentos — disse a concluir.



Devido a pequenas avaras e à sabotagem dos BA's, há mais de um ano que o comboio já não chega a Xinavane